

POEMAS SOBRE AS 4 ESTAÇÕES

VERÃO, OUTONO, INVERNO E PRIMAVERA

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-50422-4

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO POEMA

- Introdução - Homem de outono, por Roberto Schima, pág. 05
O retorno da primavera, por Amanda Boaviagem, pág. 10
O inverno da alma, por Aroldo Ferreira Leão, pág. 12
Trancado em você, por Augusta Maria Reiko, pág. 14
Amor no verão, por Augusta Maria Reiko, pág. 16
Outono, por Fernanda Aparecida, pág. 18
Primavera chorosa, por Jair Junior Moura Teixeira, pág. 20
Reflorescer, por Márcio Daniel Nicodemos Ramos, pág. 22
O trem da vida, por Meire Marion, pág. 24
Quando a primavera chegar, por Paulo Natanael Sousa Sales, pág. 26
Eu e as quatro estações, por Pedro Jose Rigatto, pág. 28
As quatro estações, por Rosamares da Maia, pág. 31
Haikais das quatro estações, por Túlio Velho Barreto, pág. 33
Conheça outros títulos da coleção, pág. 35

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



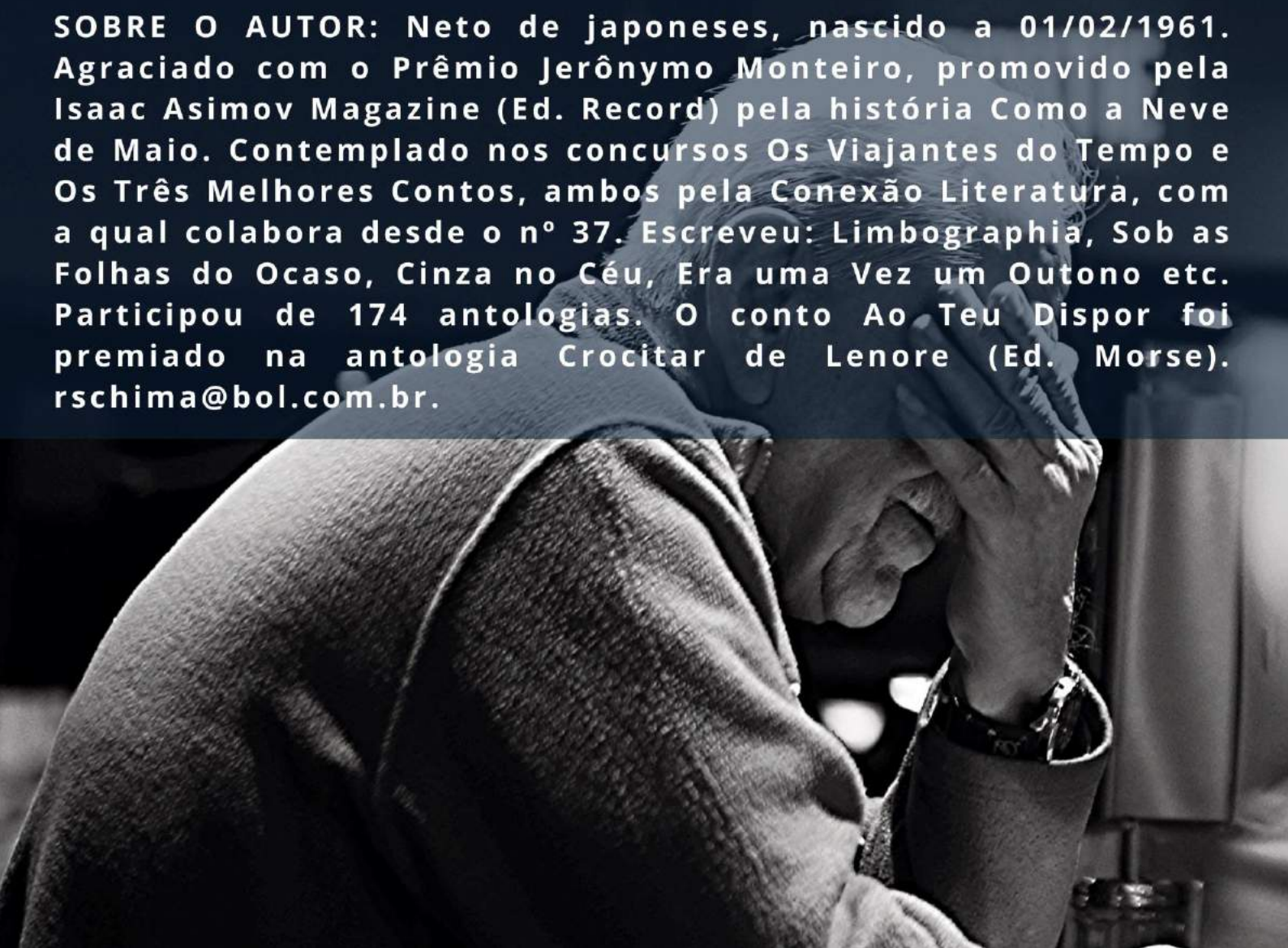


INTRODUÇÃO

HOMEM DE OUTONO

POR ROBERTO SCHIMA

SOBRE O AUTOR: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record) pela história Como a Neve de Maio. Contemplado nos concursos Os Viajantes do Tempo e Os Três Melhores Contos, ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: Limbographia, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participou de 174 antologias. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse).
rschima@bol.com.br.



Poucos dias antes do término do verão...
Foram dias, semanas e meses ótimos.
Muito céu.

Muito sol.

Muita luz.

Muitos afazeres domésticos e alguma diversão dentro daquilo que, em minha idade avançada, posso e consigo fazer. Joguei conversa fora com os poucos amigos remanescentes, cochilei, recebi visita de um ou outro familiar cuja memória não fez de mim amnésia. Procurei absorver ao máximo cada segundo como não poderia deixar de ser a alguém da minha idade. Afinal, navego pelas corredeiras da terceira idade, ciente que não tardarei a desembocar na cachoeira do Eterno. Cada instante conta. Cada momento é precioso.

"No time for less!"

Foram momentos repletos de euforia, dentro daquilo que pode ser entendido como tal a um idoso. Li bastante - ou até a vista falhar -, preguei peças na esposa - bem sei que esconder sua dentadura pouco antes do almoço não foi muito engraçado do ponto de vista dela -, nos filhos e netos - como os pestinhas cresceram! Azucrinei o vizinho Ambrósio - com um nome desse, o que esperava da vida? Dei gargalhadas até minhas próprias dentaduras rolarem pelo chão, para júbilo de minha mulher.

Engasguei.

Espirrei.

Peidei.

Ri.

Agora, o verão chega ao fim.

O ar morno cede seu lugar à friagem.

Torno-me mais introspectivo, calado, isolado.

Nuvens obscurecem a minha visão e a chuva se forma.

Quem me conhece mais intimamente sabe o que isso significa:

Transformo-me no homem de outono.

Sou como as folhas verdes sob os raios de Sol as quais, submetidas à brisa fria da nova estação, perdem o vigor e a cor. Torno-me amarelo, avermelhado, ressequido e, por fim, sou arrancado de meu galho e arrastado pelas rajadas de vento numa última jornada.

O homem de outono.

A esquiva criatura do crepúsculo.

Uma necessidade me acomete: a de ficar só.

Solidão das pessoas ao redor, porém, não das vozes que ressurgem dentro de mim como um coro no interior de uma catedral. Falam, falam e falam. Ondas de recordações ressurgem através do oceano da memória e, na praia da mente, depositam-se.

E, no refúgio de meu escritório, cheirando a tempo, poeira e bolor, onde milhares de livros fazem ecoar milhares de histórias, portas e janelas mantidas fechadas dentro de mim em outras estações, subitamente dão espaço a uma fresta cuja largura aumenta pouco a pouco até se escancararem por completo. Sou tomado pelo calafrio. Passo a reviver momentos longínquos, fragmentários, vastas campinas e pradarias de relva tenra, quando o vigor da juventude fustigava meus cabelos como a brisa da manhã e o rigor da velhice era o futuro de uma penumbra distante.

O mundo era outro.

Os pensamentos eram diferentes.

As perspectivas se constituíam num mistério.

Recordo o garoto da tênue primavera: sardento, banguela, mirrado e inquieto. Ele brincava de correr pelo chão duro e poeirento da curta rua em que vivia: pega-pega, esconde-esconde, mana-mula, pião, pipa, bolinha de gude, álbuns de figurinha, coleções de marcas de cigarro e tampinhas de garrafa. Terrenos baldios eram territórios desconhecidos a serem explorados. Soldadinhos de plástico travavam batalhas épicas sobre montes de areia e nos campos da imaginação. Meninas eram uma grande incógnita de ganidos estridentes entre o fascínio, a incerteza e o pavor.

Quando mais novo ainda, mero fragmento de orvalho, minha avó representava afeto, calor e segurança. Ficar doente trazia a dor da enfermidade, porém, também significava o momento em que se ganhava mais doces, uma sopa quente e brinquedos. Havia o medo de acordar sozinho, o temor à escuridão, a enormidade do mundo estranho lá fora.

Eu inspiro, respiro e suspiro.

Tantas vidas em uma única vida.

Tantos rostos que vieram e se foram.

Marcos fincados na estrada da melancolia.

A raiz que ainda me prende ao passado distante.

Ah, saudades de minha avó!

Cresci e o mundo diminuiu.

Extraordinário em ordinário.

O círculo de nossa vida se fecha quando a criança que fomos se encontra com o velho que nos tornamos.

Décadas que me aprisionaram a serviços com os quais jamais me identifiquei. Absorveram a juventude, roubaram a vitalidade, diluíram sonhos em razão do vil metal. As picuinhas frequentes. Os raros momentos felizes. As poucas pessoas memoráveis em um oceano de mediocridade. Projetos eternamente adiados e acumulados para um futuro quando houvesse tempo. Até o futuro se tornar presente para, então, perceber a diminuição do vigor, da eficácia dos sentidos, do porquê de sonhar. Tragédia e ironia. A vida pode ter um bizarro senso de humor. Não sorrio, tampouco choro. A resignação atenua os sentidos, principalmente o sentido em se buscar algum sentido.

Ser um homem de outono pode implicar na perda das cores. O arco-íris cede lugar aos tons de cinza. O céu se torna nebuloso. Não raro, a amargura pode dar suas caras. É difícil não se deixar afetar ao refletir em demasia sobre as perdas ou sobre o que poderia ter sido. Talvez seja a fase na qual mais desejamos nos expressar, mais sentimos que temos algo a dizer, contudo, também é aquela etapa na qual ninguém tem tempo ou vontade de nos ouvir. Velhos são como cavernas: os únicos que os escutam são seus próprios ecos. Outra tragédia. Outra ironia.

Rugas.

Calvície.

Voz hesitante.

Sardas esmaecidas.

E banguela outra vez.

Como dizia o meu falecido sogro em sua simples, porém direta filosofia:

"A velhice é uma merda!"

Por vezes, literalmente, conforme atesta a indignidade forrada na geriatria das fraldas.

Os românticos e complacentes que me perdoem, mas não há romantismo ou complacência alguma na senilidade. O que existe é o significado nu e cru da decrepitude e daqueles que nos rodeiam nos últimos momentos. Às vezes, é um quarto lotado. Às vezes, um aposento com poucas pessoas. Às vezes, vazio. Todavia, não é a quantidade que

importa, pois como já dizia o sábio provérbio: "Antes só do que mal acompanhado". E, se as paredes pudessem revelar os pensamentos íntimos de cada um, talvez ruborizassem ou se indignassem, tamanho o choque diante de tanta indiferença e de tantos abutres. Se uma única alma presente tiver na reserva de seu silêncio um pesar genuíno e o amor em seu coração, então, o significado do último aperto de mão será o de uma travessia serena através do Aqueronte desmentida pelo fio dolorido da saudade o qual se esticará até, enfim, se romper. E quanto a morte? Eis que a Morte não se trata do apavorante monstro mitológico, mas do remanso após o tempestuoso oceano do Existir. Menos do que um temporal, mais como o orvalho que na folhagem se deposita.

Melancolia.

Nostalgia.

Fantasia.

Ser um homem de outono também implica em vislumbrar o inverno.

O frio.

O vento.

A escuridão.

Árvores despidas.

Deveriam assustar, contudo, ao menos nisso a idade se mostra complacente: atenua o temor pelas sombras. Torna-se quase um oásis:

Livre da dor.

Livre da enfermidade.

Liberto das memórias que torturam.

Livre da saudade ante a esperança de rever rostos amigos.

Ah, não é fácil ser um homem de outono a mercê das marés da memória. Faz pensar demais. Faz pensar que pensa. Traz nuvens de tempestade para dentro do peito e relâmpagos no coração. Faz ribombar trovões sob a cúpula do crânio. Afugenta as cores e os sorrisos quentes de verão.

Não é fácil ser um homem de outono...

Mas diante do ocaso, eu afirmo: quão insuportável seria deixar de sê-lo!





APRESENTAMOS O POEMA
O RETORNO DA PRIMAVERA

POR AMANDA BOAVIAGEM

SOBRE A AUTORA: Amanda Boaviagem é de Recife-PE e sempre quis ser escritora desde os 5 anos. Acima de tudo, é uma sonhadora e por isso escreve, pois não podia guardar esses sonhos apenas dentro de si. Recebeu o título de Paladino Literário 2022 pela Academia Independente de Letras (AIL) e, pela mesma instituição, tornou-se imortal e recebeu a medalha de comendadora. Ela ama divulgar outros autores nacionais. A escritora da Esperança passa uma mensagem positiva para seus leitores. Ela tenta assim, dar sua pequena contribuição para um mundo melhor. Dividem esse sonho com ela seu marido e sua cachorrinha, Pantufa, que inspira-a colocar doguinhos felizes nas suas histórias.

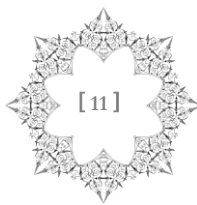
O coração que não espera,
Primavera, Primavera!
O peito doce que arfa e não desacelera,
Seria tudo uma quimera?

Pois quando voltaremos a ver,
Os corações pulsantes,
Essas mentes navegantes
De mares nunca explorados?

É agora!
O inverno passou, o gelo, o frio indo embora!
Dando lugar ao mundo que renasce em flor...
A vida pulsante, ululante, ultrajante, vibrante, quente,
Brilhante, Suave, Pura ou Clara?
Não erre a paleta das cores da alegria,
Desse pulsar que contagia.
Pois sempre que entro nessa era...
Ah! Primavera!
Primavera!

Uma fada que passou voando por aqui
E trouxe a luz e a cor de volta,
O esplendor à nossa porta.

O amor que (re)contagia e (re)nasce, constrange.
De debaixo do chão, da terra,
Saindo das profundezas da escuridão.
Depois de um longo e tenebroso inverno na humanidade
Eis que ressurge o verde, as luzes, as cores, as flores,
A esperança, os amores.
É primavera (finalmente!) na nossa cidade!





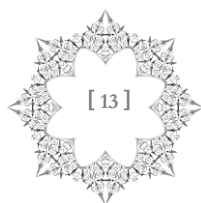
APRESENTAMOS O POEMA

O INVERNO DA ALMA

POR AROLDO FERREIRA LEÃO

SOBRE O AUTOR: Aroldo Ferreira Leão é poeta com diversos livros publicados. É formado em Engenharia Elétrica pela UFRN e tem participação em algumas antologias. Maiores informações sobre o mesmo podem ser colhidas no blog www.aroldoleao.com.

Há um inverno na alma
Que nos fundamenta em nós mesmos,
Nos abre para a realidade
Dos voos mais profundos,
Nos sedimenta no tempo
E nas perspectivas singulares.
Continuamos desequilibrando
As circunstâncias, os acontecimentos,
Seres impacientes, doentes,
Acumulando amarguras
E intransigências,
Dominados por arrependimentos,
Momentos instáveis, evasivos,
Movimentos que vão dar em lugar nenhum.
E enquanto seguimos para o infinito,
Nos tornamos intransigentes,
Intranquilos, luzes que nada iluminam,
Verdades que afundaram na solidão
Das faces dos loucos,
Voz desmantelando os prumos das estações.





APRESENTAMOS O POEMA

TRANCADO EM VOCÊ

POR AUGUSTA MARIA REIKO

SOBRE A AUTORA: Natural de Porto Alegre/RS, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a UNESCO) e o e-book "Lembranças" publicado pela editora Unifal/MG em 2022.

Agora tá tudo parado!
O meu olhar no seu olhado
Entrou ali e não saiu
Do seu beijo molhado.

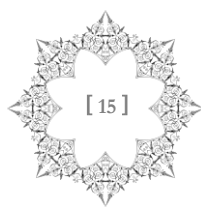
Lá fora é a pandemia
No verão e em noite fria
Entrou aqui e não saiu
A dor da barriga vazia

Que aparece no desempregado
No sol e no molhado
Que ali entrou e alguém viu
Dar de comer um bocado.

Eu aqueço o seu corpo que tremia
De medo e de agonia
Que aqui entrou e depois sentiu
A luz de amor que nos unia.

Lá fora tá tudo fechado!
Só não fecha o sol no seu olhado
Que entrou e acendeu o pavio
Que alegrou o meu coração molhado.

Lá fora o vírus que contamina!
Aqui dentro o meu amor te contagia.
Entrou e não mais saiu,
Pois estou trancado em você, gurial!





APRESENTAMOS O POEMA

AMOR NO VERÃO

POR AUGUSTA MARIA REIKO

SOBRE A AUTORA: Natural de Porto Alegre/RS, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a UNESCO) e o e-book "Lembranças" publicado pela editora Unifal/MG em 2022.

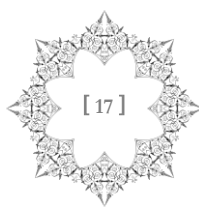
Eu não preciso cortar cebola
Para a lágrima rolar.
Basta você me dar bola
Para eu rolar em você no ar!

Eu não preciso soltar pipa
Para chamar a sua atenção.
Basta te dar uma tulipa
Para comover o seu coração!

Você nem precisa tocar viola
Para me conquistar.
Basta tirar a voz da gaiola
Para o amor vir nos buscar!

Eu não preciso esperar o carro pipa
Pra te dar água de montão.
Basta você viajar comigo à Floripa
Pra ter água todo o verão!

Você nem precisa tirar o coelho da cartola
Pra fazer a mágica que se dissipa.
Basta o seu olhar doce de mariola
Pra sentir o meu beijo que se antecipa!



Decorative swirls and leaves in light blue and green colors, positioned on either side of the text.

APRESENTAMOS O POEMA

OUTONO

POR FERNANDA APARECIDA

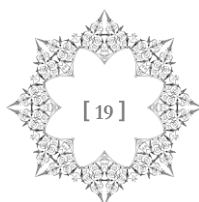
SOBRE A AUTORA: Meu nome é Fernanda, moro em São Paulo desde que nasci.

Outono é minha estação do ano favorita.

Escrevo desde sempre e sempre para mim, esse porém, quero compartilhar com quem estiver disposto.



temos que aprender com o outono e com as arvores,
que é preciso deixar as flores caírem para nascerem outras
que por mais cinza que o dia esteja ele sempre será lindo.
que por mais que o sol não esquite ele sempre vai estar lá
aproveite o outono para deixar tudo para trás, deixe o vento levar o passado.
desgrude de seus galhos tudo que está velho e murcho
como os problemas que não serão mais resolvidos, discursões que não podem ser mais
alteradas, pessoas que não vão mais voltar.
depois vem o inverno, você vai pensar estar desprotegido, mas não estará.
as suas raízes estarão mais fortes, porque elas não precisam sustentar o que não serve
mais.
o amor é a única coisa que você precisa cultivar, foi ele quem te sustentou até aqui.





APRESENTAMOS O POEMA
PRIMAVERA CHOROSA

POR JAIR JUNIOR MOURA TEIXEIRA

SOBRE O AUTOR: Escrever poesias é o que o faz refletir sobre a vida. Esta sua inclinação surgiu aos 8 anos de idade quando sua mãe ainda o acompanhava na leitura de poemas. Aos 12 anos escreve o seu primeiro livro de poesias com dezenas de poemas versando sobre os mais diversos assuntos intitulado "O lado in.verso do meu universo", publicado duas décadas após a sua elaboração. Escreveu também o livro "Criptopoemas" a ser publicado onde reúne poemas Senryu uma vertente do haicai. Ele compreende a escrita como uma terapia para a alma.

No jardim das tristuras ando colhendo flores lacrimosas,
Das rosas enroscadas em galhos secos nas alturas, o beija flor prova do pranto das
espinhosas;
Ó jardineiro te vi caminhar silente regando as flores com seus prantos,
Enquanto aparava o canteiro taciturno pelos campos.

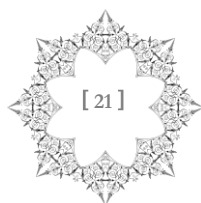
Os seus olhos acinzentados a fenecer em noites desastrosas,
Com a chuva a rebentar os botões e o perfume das rosas,
Fiquei a te observar enquanto podava as umbrosas,
Pranteava pelos cantos descontente com as chuvas danosas,

O seu pranto primavera a aspergir nos canteiros,
Desagua o mar febril e salgado represado,
Nestes dias fanados sonhei qual jardineiro,
Florir meus canteiros d'alma deste meu universo embotado.

Ó jardineiro tu vagas em teu solo deserto e triste,
A saudade foste o teu arranjo,
Em cânticos lacrimais tu partistes
Nos jardins sob o plangente olhar de um anjo.

Nos céus a escuridão espalhava as sombras pela rua,
Em soturnez inabalável segue a lua,
Alva flor de lótus em seus mistérios...

Sob as planícies da relva
Ilumina as cruzes nesta selva
De rosas nos jardins do cemitério.





APRESENTAMOS O POEMA

REFLORESCER

POR MÁRCIO DANIEL NICODEMOS RAMOS

SOBRE O AUTOR: Engenheiro de Bioprocessos formado pela Unifei e mestrando em Engenharia Química pela Ufscar. É poeta e trovador, aventurando-se pela prosa em algumas ocasiões. Venceu concursos de poesia, haikai e conto. Ocupou a cadeira 16 na Academia Juvenil de Letras de Itajubá e hoje é imortal da Academia Itajubense de Letras (AIL) ocupando a cátedra 9. Foi congratulado com Moções Congratulatória da Câmara municipal de Itajubá e Moção dos Conselhos Superiores da Unifei por seu destaque literário. É diretor do Departamento Infantojuvenil da AIL.

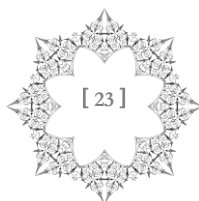
Num vendaval de emoções,
vejo o Outono em muitos rincões.
Deito-me na rede xadrez da varanda,
enquanto observo a minha ciranda.

Olho as folhas deitadas ao chão.
Queriam espaço... Sozinhas estão.
Disfarçando lacunas de minha história.
Parecem levar a minha memória.

O Outono nasceu vestido de tarde,
Expressa a dor no peito que arde.
Mostra a tristeza na paleta de cores.
Sofre contido por antigos amores.

Espalham no solo cor tom de fogo.
Junto aos frutos, formam um jogo.
O vento carrega o galho quebrado.
Baila no ar, esse tronco alado.

Tempo tristonho, tão melancólico.
Vão-se as pétalas no mundo simbólico.
Mas bem lá no fundo vou aprender:
Só com a perda, vou reflorescer.



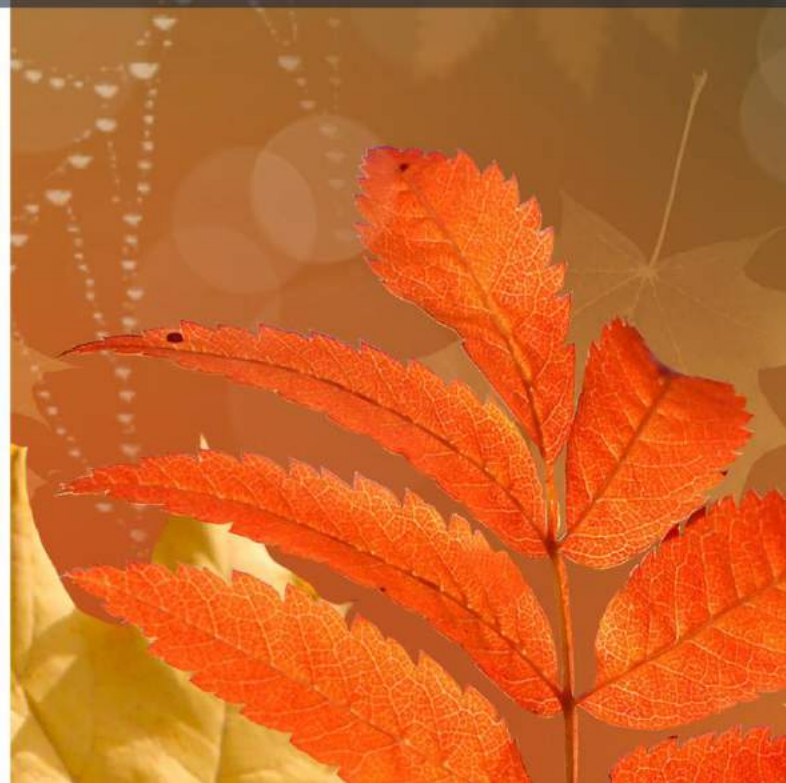


APRESENTAMOS O POEMA

O TREM DA VIDA

POR MEIRE MARION

SOBRE A AUTORA: Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) e *Dois Gatinhos* (2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.



Em tons de laranjas, marrom, amarelo e vermelho
Olhos ofuscam com tanta beleza.
O trem da vida
Para na estação Outono.

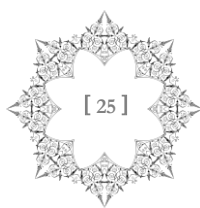
Em tons de branco e cinza
Vento gelado e seco.
O trem da vida
Para na estação Inverno.

Em tons multicoloridos
Flores abrem, pássaros cantam.
O trem da vida
Para na estação Primavera.

Em tons brilhantes de tanto suor
Praias são os destinos preferidos.
O trem da vida
Para na estação Verão.

Entra ano.
Sai ano.
O trem da vida
Para em cada estação
Por períodos previamente estipulados,
Até o dia em que chegamos no nosso destino final;
Onde não subiremos mais no trem;
Nossa única certeza.

Aproveite a viagem!





APRESENTAMOS O POEMA

QUANDO A PRIMAVERA CHEGAR

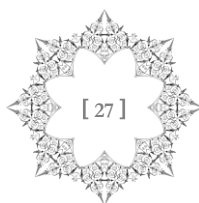
POR PAULO NATANAEL SOUSA SALES

SOBRE O AUTOR: Psicólogo, com pós-graduação e atuação em Psicologia Escolar e especialista em Suicidologia. Em 2012, foi finalista da III Olimpíada de Língua Portuguesa na categoria Artigo de Opinião e em 2014 começou a escrever poesias. Instagram: @psipaulo.natanael

É tempo de florir
Tu verás o recomeço
Saberás que tudo pode mudar
E que uma nova primavera
Sempre há de chegar

É tempo de florir
Sentirás a esperança
A vida pulsando em ti
As flores e o doce aroma do porvir

É tempo de florir
Pra toda luta que enfrentar
Um jardim a cultivar
Novos sonhos, nova vida
Quando a primavera chegar





APRESENTAMOS O POEMA

EU E AS QUATRO ESTAÇÕES

POR PEDRO JOSE RIGATTO

SOBRE O AUTOR: Começou a escrever no fim dos anos 70, as palavras, a poesia sempre foram o amigo, a amiga mais profunda do autor.

Escreve sobre os mais variados temas.

Atualmente está disponibilizando seus poemas, abrindo-os para as pessoas.

Verão.

Calor da vida.

Curtida, alegria,

lá fora vivida.

Dia a dia.

Outono.

Curtir a vida.

Para dentro, vindo de fora.

Olhar seu interior.

Sentir, seja o que for.

Continuar por hora.

Inverno.

Para dentro.

Por inteiro.

Fechado ao exterior.

Sem saber, sem querer fazer.

Nada fazer, apenas esperar,

O tempo passar.

Primavera.

Vagarosamente.

A brisa, o perfume adentram a gente.

Não pergunta.

Simple assim,

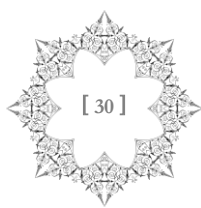
Vem entra e traz vida.

Novas ideias.

Novas partidas.

Sinal para continuar a vida.

Assim são as 4 estações.
Que vivem dentro de mim.
Por vezes todas de uma vez.
Por outras,
Somem e me deixam,
No obscuro de meu ser.
Sem flores, sem calor, sem sentido, sem meu interior.
Sem primavera, ou verão, ou outono ou inverno.
Apenas meu astral desta vida, o inferno,
De meu viver.





APRESENTAMOS O POEMA

AS QUATRO ESTAÇÕES

POR ROSAMARES DA MAIA

SOBRE A AUTORA: Escreve Contos, Crônicas, tem Poemas no Blog Lusofonia Poética, Antologias como Incertezas e Fragilidade, Ed. Scortecci / Trilha de Lótus, na Ed. Andross. Finalista do Prêmio Strix 2020. Publicou na Ed. Litteris: Ludmila a Lagartinha Maratonista, As Aventuras de um Barquinho de Papel, Retalhos de Vida, Amores Cores e Sabores e Haicais à Brasileira / Ed. Autografia Pita Pitanga e a Abóbora Moranga. Participou e foi certificada pelas antologias da Revista Conexão de Literatura.

É outono e o tempo passa macio, faceiro,
A primavera hiberna no cio, até desabrochar,
Num turbilhão de cores e exóticos perfumes.
A água flui, vai ao encontro do rio matreiro,

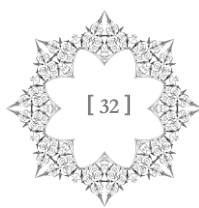
Que manso e brejeiro alimenta as margens.
Um ritual de fertilidade dá a vida passagem,
Mesmo se a estação se despe para o outono,
Ou para o inverno, na luz que morre cedo.

Sempre a florescer, me ofereço sem medo.
Banhos no orvalho nua, na luz prata da lua.
Olhos abertos, danço, na calçada e na rua.
A brisa fria sopra a oração - mística liturgia.

Sou a flor de semente somente Maria.
Sem vergonha, impura, ao lado da estrada.
Nem do bem nem do mal, a margem, nada.
Finalmente, no ponto certo, sou primavera.

Não há novidades, só fervor, intensidade,
Constatando o prazer a estação me invade.
Mas, é fogo, o corpo aquece e de febre arde.
E o desejo forte tudo consome em emoção.

A razão é controversa e explode em paixão.
A luz dourada invade outra estação - é verão.
Nova semente plantada - ciclo que se refaz.
Maria é semente regada - vida em profusão.






APRESENTAMOS O POEMA

HAIKAIS DAS QUATRO ESTAÇÕES

POR TÚLIO VELHO BARRETO

SOBRE O AUTOR: Túlio Velho Barreto é poeta e escreve haikais desde meados dos anos 1980, quando conheceu e hospedou a escritora e haijin Olga Savary no Recife. Recentemente, publicou o livro de haikais *Do Estar no Ainda*, ao lado do poeta Paulo Marcondes (Editora Patuá) e participou do nº 70 da Revista Brasil Nikkei Bungaku, de São Paulo. Tem participado de coletâneas e antologias com poemas em outros formatos, e não apenas haikais, e colaborado com revistas literárias eletrônicas.

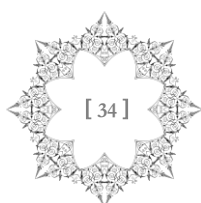


é primavera
flores brilham em cores
soltas nos jardins

chegou o outono
mil folhas o enfeitam
espalhadas pelo chão

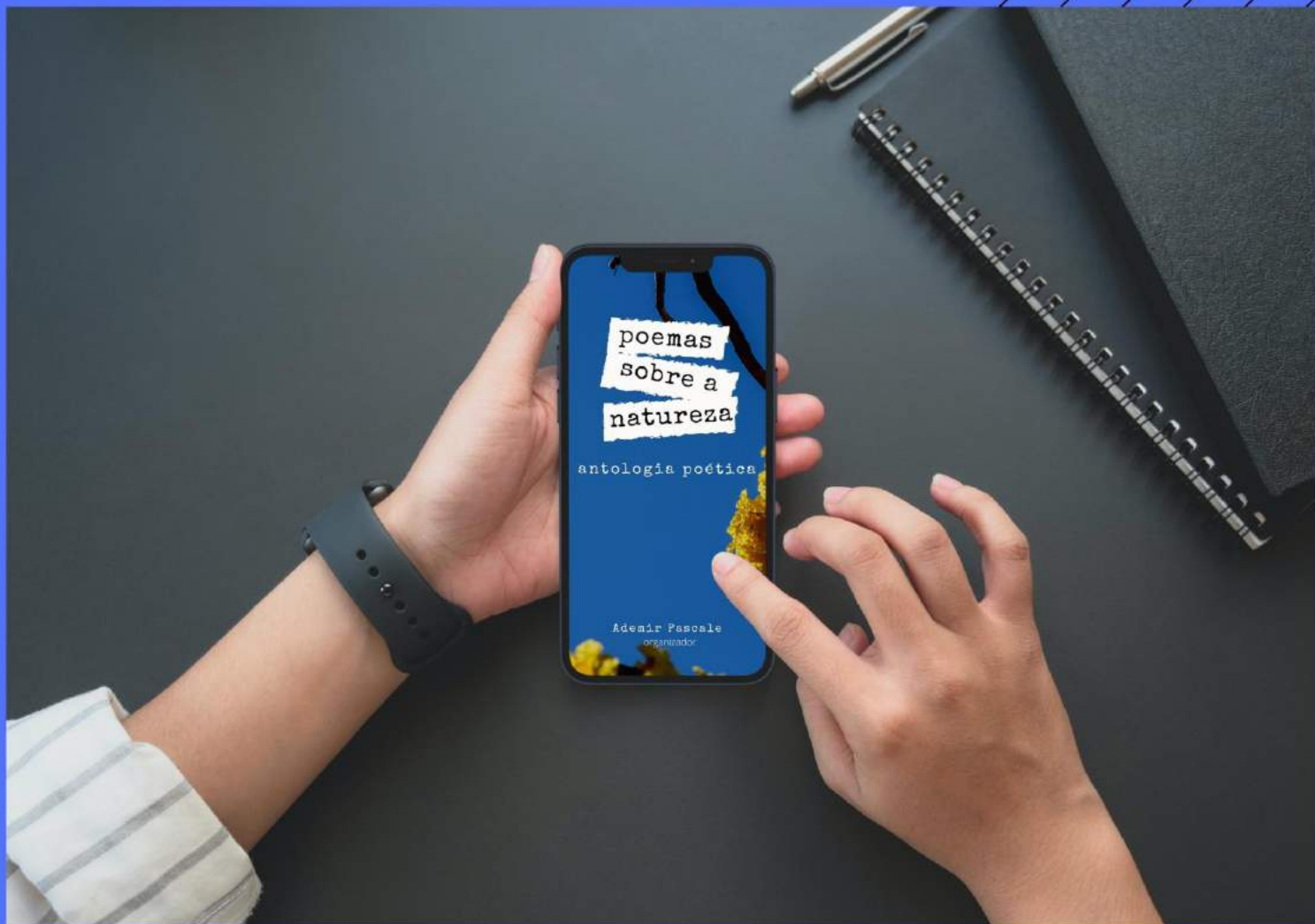
o verão esquentar
traz calor e luzes
clarão imenso

inverno branco
noites frias e longas
pedem cobertas



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**